



Esta obra possui uma Licença

Submissão: 12/07/2023 | Aprovação: 10/011/2023

[Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/19706>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v17i29.10706>



Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 17 | N. 29 | Jul-Dez, 2023, pp. 67-90



PRODUÇÃO, EDITORAÇÃO E IMPRESSÃO DE LIVROS DE LEITURA E GRAMÁTICAS PRIMÁRIAS NO PARÁ (1822 a 1922)

READING BOOKS AND PRIMARY GRAMMAR PRODUCTION, EDITING AND PRINTING IN PARÁ (FROM 1822 TO 1920)

Raimunda Dias DUARTE  

Universidade Federal do Pará – UFPA¹

Resumo: Neste trabalho, discute-se a produção, a edição e a impressão de livros de leitura e gramáticas primárias paraenses no período de 1822 a 1922. Para isso, busca-se entender o processo de edição e impressão de livros no Pará na primeira metade do século XIX, compreender como se deu a produção de livros de leitura e gramáticas primárias no Pará no mesmo período, verificar a importância de intelectuais paraenses para a história da educação no Pará e no Brasil e analisar uma gramática primária, situando-a no contexto da gramatização do português no Brasil. O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica e documental. A orientação teórica está baseada nos trabalhos de Duarte (2018; 2021), Moreira (1979), Auroux (2014) e Orlandi (2001; 2008). Na segunda metade do século XIX, o Pará estava colocado numa posição privilegiada em relação à produção de livros escolares, principalmente obras dos gêneros livro de leitura e gramática.

Palavras-chave: História do livro. Livros de leitura. Gramáticas primárias. Autores paraenses.

Abstract: *In this paper will be discussed the production, edition and printing of reading books and elementary grammars from the state of Pará in the period from 1822 to 1920. For this, it seeks to understand the editing and printing books process in Pará in the first. mid-19th century, as well as to understand how the reading books and elementary grammars production in Pará took place in the same period, this work will verify the Pará intellectuals' importance to the history of education in Pará and Brazil and it will analyze a primary grammar, placing it in the context of the Portuguese language grammatization in Brazil. The work was developed through bibliographical and documentary research. The theoretical orientation is based on the Duarte (2018; 2021), Moreira (1979), Auroux (2014) and Orlandi (2001; 2008) studies. In the second half of the 19th century, Pará was placed in a privileged position in relation to the schoolbooks production, mainly works in the reading book and grammar genres.*

Keywords: *Book history. Reading books. Elementary grammars. Pará authors.*

¹ Doutora em Educação (Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDUC da Universidade Federal do Pará). É professora adjunta da UFPA e Líder do Grupo de Pesquisa em História do Livro Didático na Amazônia (GEHLDA). E-mail: rayduart@ufpa.br

INTRODUÇÃO

Neste estudo, discutimos a produção, a edição e a impressão de livros de leitura e gramáticas primárias no Pará no período de 1822 a 1922, tencionando entender o processo de edição e impressão de livros no Pará na primeira metade do século XIX, compreender como se deu a produção de livros de leitura e gramáticas primárias no Pará no mesmo período, verificar a importância de intelectuais paraenses para a história da educação no Pará e no Brasil e analisar uma gramática primária, situando-a no contexto da gramatização do português no Brasil. Escolhemos como data inicial 1822 porque é o ano que marca a independência do Brasil, quando inicia o campo da impressão e da editoração no Pará, estendendo a um período de cem anos. Este estudo é resultado de pesquisa bibliográfica e documental, com orientação teórico-metodológica em Duarte (2018; 2021), Moreira (1979), Auroux (2014) e Orlandi (2001).

O trabalho está dividido em quatro partes: na primeira parte, discutimos sobre a impressão e a edição de livros no Pará, buscando entender como e quando o Pará se inseriu no campo da impressão e da editoração de livros, quais foram as primeiras editoras paraenses e quais as características do livro escolar do século XIX e do início do século XX. Na segunda parte, tratamos da produção e de autores de livros escolares de leitura no Pará no período estudado; na terceira seção, discutimos a produção de gramáticas primárias no Pará, mostrando a importância de autores para a educação no Pará e no Brasil e, por último, analisamos as características da *Grammatica portuguesa*, de Julio Cezar Ribeiro de Souza a partir dos dois modelos de gramática: filosófica e científica.

IMPRESSÃO E EDITORAÇÃO DE LIVROS NO PARÁ

Na primeira metade do século XIX, a escolarização não era obrigatória no Brasil. Então, não havia muito interesse das instituições oficiais em investir na produção de livros escolares. Os primeiros livros foram publicados pela Imprensa Régia (depois, chamada de Imprensa Nacional), departamento de imprensa do governo português no Brasil.

Oficialmente, a Imprensa Régia² foi a primeira editora brasileira, fundada em 13 de maio de 1808, na cidade do Rio de Janeiro, em virtude da chegada da família real ao Brasil. Com um dos propósitos de auxiliar a expansão da educação pública, a editora foi inaugurada com a publicação de

² Imprensa Régia (depois chamada de Imprensa Nacional), departamento de imprensa do governo português no Brasil, criada em 1808, no Rio de Janeiro (Duarte, 2018 p. 111).

um folheto de 27 páginas acompanhado da Carta Régia³.

Segundo Hallewell (1985 p. 36), a Impressão Régia, até 1822, teve monopólio de imprimir no Rio de Janeiro. O autor afirma que durante o período de quatorze anos de monopólio das impressões no Rio, foram produzidos bem mais de mil itens: “Grande parte desses 1.173 (ou mais de 1.250) itens da Impressão Régia Brasileira era constituída de documentos do governo, cartazes, volantes, sermões, panfletos e outras publicações secundárias” (Hallewell, 1985, p. 37).

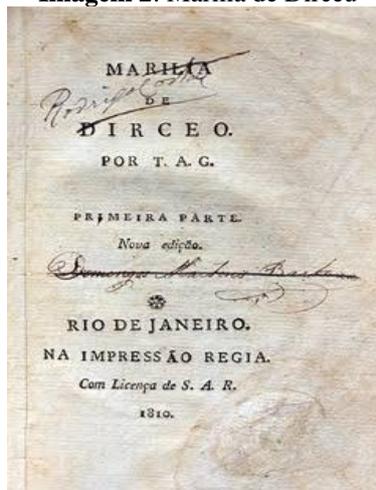
Entre os itens publicados pela Impressão Régia, podemos destacar o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro* (imagem 1) e *Marília de Dirceu*, “a primeira obra de literatura brasileira publicada no Brasil e muito bem feita, com esplendida folha de rosto”, destaca Hallewell (1985 p. 38).

Imagem 1: Gazeta do Rio de Janeiro



Fonte: <https://pt.m.wikipedia.org>

Imagem 2: Marília de Dirceu

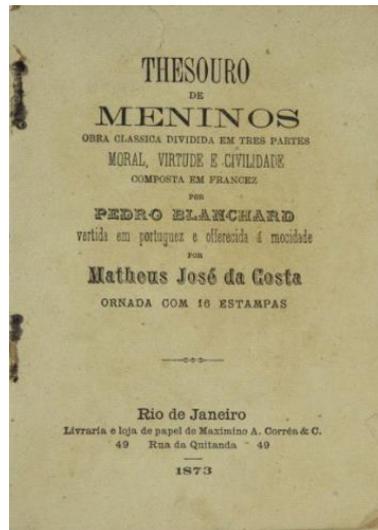


Fonte: <https://pt.m.wikipedia.org>

³ Carta Régia é o nome dado ao documento oficial assinado por um monarca que segue para uma autoridade, geralmente contendo determinações gerais ou permanentes. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/carta_regia. Acessado em: 24 de dezembro de 2018, as 11h41.

Entre outras obras que o autor destaca, temos: *Thesouro de meninos* e *O Uruguai*.

Imagem 3: Capa do livro *Thesouro de meninos*



Fonte: <https://www.google.com>

Imagem 4: Capa do livro *O Uruguai*



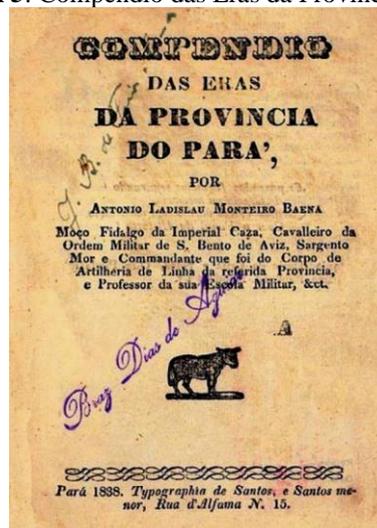
Fonte: <https://www.google.com>

Thesouro de meninos é de autoria de Pedro Blanchard. A obra foi traduzida do francês por Matheus José da Costa e a edição acima foi publicada em 1873, pela livraria e loja de papel de Maximino A. Corrêa & C. A obra foi oferecida à mocidade. A temática se concentra na moral, na virtude e na civilidade (boas maneiras). A obra literária *O Uruguai*, de José Basílio da Gama, foi publicada em 1769, em Lisboa. A segunda edição foi editada em 1811, no Rio de Janeiro (Blake, 1898).

No Pará, o campo da impressão e da editoração iniciou a partir da Independência do Brasil. Contudo, “as primeiras oficinas gráficas eram muito rudimentares e desaparelhadas, por isso, não

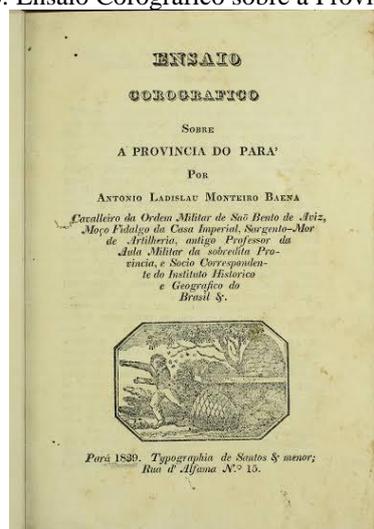
podiam imprimir livros” (Moreira, 1979, p. 11). Contudo, apesar das dificuldades enfrentadas pelos editores na primeira metade do século XIX no Pará, destacam-se três publicações importantes nesse período: *Compendio das eras da provincia do Pará (1838)* e *Ensaio corográfico sobre a Província do Pará (1839)*, de Antônio Ladislau Monteiro Baena, impressas pela Typographia de Santos e Menor, pertencente a Honório José dos Santos, primeiro impressor de livros no Pará (Moreira, 1979), e a *Cartilha Imperial*, de Filippe Patroni, publicada em 1840 por Justino H. da Silva. Esta obra foi destinada à instrução de Dom Pedro II.

Imagem 5: Compendio das Eras da Provincia do Pará



Fonte: <https://fauufpa.org>

Imagem 6: Ensaio Corografico sobre a Provincia do Pará



Fonte: <https://fauufpa.org>

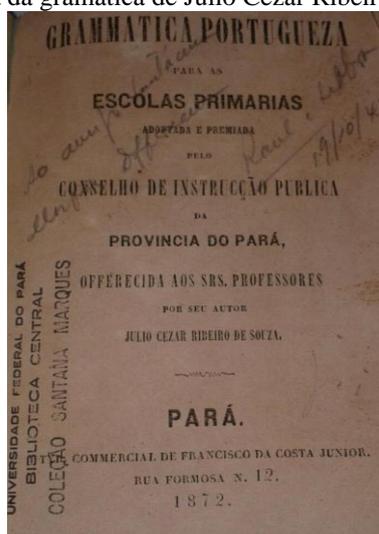
A partir da segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento econômico da Província por causa da era da borracha, foi legitimada efetivamente a impressão e a editoração de obras

escolares no Pará. Com a reforma Couto Ferraz (Decreto 1.331-A, de 1854), a qual regulamentou o ensino primário e o secundário no município da Corte, a escola é institucionalizada no Brasil como principal espaço social destinado à instrução. Para garantir a produção e a adoção de livros nas escolas, o governo prevê prêmios a quem produzisse compêndios escolares. Nesse cenário se insere a significativa produção do livro escolar no Pará (Duarte, 2018).

Entre os autores premiados está Julio Cezar Ribeiro de Souza, que recebeu o prêmio de um conto de réis do Conselho de Instrução Pública da província ao publicar sua *Grammatica Portugueza* em 1872. A obra foi considerada a melhor das que existiam (Souza, 1872), comparada com outras gramáticas de autores não paraenses que circulavam na província.

Moreira (1979, p. 14) descreve os primeiros livros impressos na província do Pará como “materialmente pobres, de pequeno formato, com desinteressante apresentação gráfica. Não havia ainda comércio editorial organizado, de modo que essas obras eram quase sempre impressas às expensas dos próprios autores”. A capa da *Grammatica portugueza para uso das escolas primarias*, de Julio Cezar Ribeiro de Souza, atesta as características dos nossos primeiros livros escolares. A gramática foi a primeira do gênero publicada por autor paraense.

Imagem 7: Capa da gramática de Julio Cezar Ribeiro de Souza, 1872



Fonte: Seção de obras raras da Universidade Federal do Pará, 2017

Com o advento da fase áurea da borracha, surgiu verdadeiramente mercado para essas obras, cujo ritmo de editoração cresceu muito, “permitindo até mesmo a impressão de algumas delas no estrangeiro, principalmente na França” (Moreira, 1979, p. 14). A cidade de Belém havia se transformado devido aos lucros do comércio da borracha e na última parte do século XIX o comércio livreiro teve uma grande importância para a produção nacional. Os colofões de Belém, em quantidade,

vinham logo após os do Rio de Janeiro, do Maranhão, de São Paulo, de Pernambuco e de Minas Gerais.

Imagem 8: Capa da obra *Ensaio de Leitura*, de Joaquim Pedro Correa de Freitas



Fonte: Seção de obras raras da biblioteca pública Arthur Vianna

A 44ª edição do 3º. livro de leitura da série graduada de leitura de Joaquim Pedro Correa de Freitas (imagem 8) foi lançada em 1910, em Paris-França, pela editora Jablonski, com o título modificado para *Ensaio de leitura: terceiro livro para uso das escolas da Amazônia*. Note-se como a capa da obra já vem toda trabalhada.

Uma das mais conhecidas livrarias que se destacaram na segunda metade do século XIX no Pará foi a Livraria Clássica. Inaugurada desde 1855⁴, assumia uma posição de destaque.

Nas províncias, algumas livrarias destacaram-se, como a Livraria Clássica, inaugurada em Belém no ano de 1855, cujo proprietário era a firma Viana e Silva, passando depois, para as firmas JB. dos Santos e Cia – que chegou a lançar cerca de vinte títulos de Livros escolares e a Livraria Catilina, na Bahia fundada por Carlos Pongetti, em 1835 (Gally, 2013 p.).

A editora passou à responsabilidade de várias firmas, mas foi a partir da gerência da firma J. B. dos Santos & Cia que efetivamente atingiu o apogeu de suas atividades editoriais que, “guardadas as devidas proporções, exerceu entre nós papel equivalente ao da Livraria Francisco Alves no Rio de Janeiro” (Moreira, 1979, p. 12).

⁴ Não confundir com a livraria Clássica, fundada em 1854, no Rio de Janeiro, pelo imigrante português Nocoláo Alves e que, depois sob a gestão de Francisco Alves, se transformou na livraria Francisco Alves.

Imagem 9: Anúncio da Livraria Clássica

Fonte: Jornal do Pará, 29 ago. de 1873, recorte de anúncio p. 4⁵

A imagem 9 corresponde a um anúncio da Livraria Clássica no Jornal do Pará (1873) comunicando a troca de endereço e convidando os leitores ao acesso às obras literárias dos mais variados gêneros e de autores de grande reputação. Moreira (1879 p. 14) afirma que “a Livraria Clássica, nossa principal editora, foi a que mais utilizou as gráficas estrangeiras” para imprimir seus livros. Demonstrava, com isso, o momento próspero do Pará.

Imagem 10: Folha de rosto da obra *Collocação de pronomes*, 1907

Fonte: Biblioteca particular da primeira autora, 2018

⁵ Jornal do Pará, 29 ago. de 1873, PDF disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://memoria.bn.br/pdf/219339/per219339_1873_00194.pdf&ved=2ahUKEwiJdHy_HfAhXhH7kGHf_jCqIQFjAAegQIARAB&usg=AOvVaw0AwTaeBSEoZbJRKrq66az9

O livro *Collocação de Pronomes*, de Paulino de Brito, publicada em 1907 pela editora Allaud & Cia, foi uma das obras que a Livraria Clássica editou em Paris. Nesse período, a editora já estava sob a gerência da firma J.B. dos Santos e Cia, situada na rua João Alfredo, 61.

A PRODUÇÃO DE LIVROS DE LEITURA NO PARÁ

Ao tratar da produção do livro no Pará, Duarte (2021) confirma a declaração de Moreira (1979) de que, no século XIX, a produção foi muito significativa. Em suas pesquisas, a autora (Duarte, 2021) cita 156 livros de leitura produzidos no Pará durante o período de 1820 a 1920 em uma investigação que está longe de esgotar-se. Nesta seção, apresentamos três autores que produziram livros de leitura no Pará no período acima citado. Esses intelectuais trouxeram importantes contribuições para a história da educação e do livro na Amazônia e no Brasil.

Joaquim Pedro Correa de Freitas

Paraense de Cametá, foi um dos homens que mais se interessou pela instrução pública no Pará. Ele foi considerado a imagem mais ilustre do ensino paraense na fase imperial (Moreira, 1979, pág. 21). Suas obras foram produzidas durante o Império e atravessaram a República. Freitas foi um professor emérito. O *Paleographo ou a arte de aprender a ler a letra manuscripta, para uso das escolas da província do Pará*, publicado em 1871, foi pioneiro do gênero no Brasil. Esse título foi mudado mais tarde para *Paleographo ou a arte de aprender a ler a letra manuscripta, para uso das escolas da Amazônia*, a fim de adequar-se ao contexto republicano.

Imagem 11: Folha de rosto do *Paleographo*⁶



Fonte: Biblioteca particular de Narciza Lameira, 2021

⁶ de Joaquim Pedro Correa de Freitas. 29 ed. Paris. Lith. de Ch. Gaulon e Fils, 1909.

A obra de maior sucesso de Freitas, durante o século XIX, foi a série graduada de leitura, *Ensaio de Leitura (1º, 2º. e 3º.)*, a qual só começou a declinar no início do século XX, tendo sido suplantada pela obra de Augusto Ramos Pinheiro. A série graduada de Freitas foi editada muitas vezes, com quase todas as edições feitas na França. A série compunha o 1º., o 2º. e o 3º. livros de leitura para as escolas do Pará. A 44ª edição do 3º. *Livro de leitura* foi lançada em 1910, na França, com o título modificado para *Ensaio de leitura: terceiro livro para uso das escolas da Amazônia* (ver imagem 8).

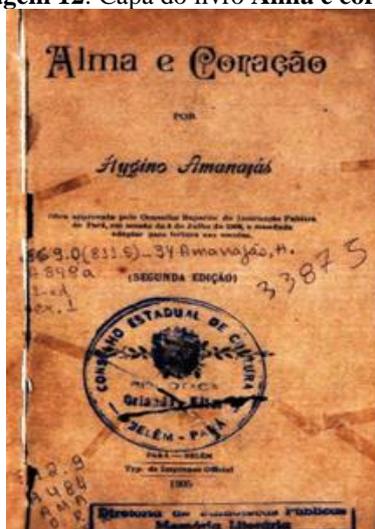
Hygino Amanajás

Nasceu em Abaetetuba, Pará, na localidade Rio Maracapucu, em 1852. Era educador, contista e político paraense. Colaborou no seminário *Estrela do Norte*. Fundou e redigiu o *Abaetéense*. Filiado à antiga escola conservadora, foi eleito por várias vezes deputado à Assembleia Legislativa. As suas ideias revolucionaram com a propaganda abolicionista para a República, sendo eleito deputado logo após a Constituinte do estado. Continuou a ocupar esta cadeira com brilhantismo e lealdade política. Sua administração na Imprensa Oficial mereceu os maiores aplausos (Maciel; Rocha, 2015).

76

Hygino Amanajás publicou várias obras escolares, dentre as quais se destaca o livro de leitura *Alma e coração*, publicada em 1900 pela Typografia J.B. dos Santos.

Imagem 12: Capa do livro *Alma e coração*⁷



Fonte: Seção de obras raras da biblioteca pública Arthur Vianna, 2021

A obra foi aprovada pelo Conselho Superior de Instrução Pública no dia 05 de julho de 1900 e recebeu a influência do livro *Cuore*, do italiano Edmund de Amicis, como o próprio autor destaca

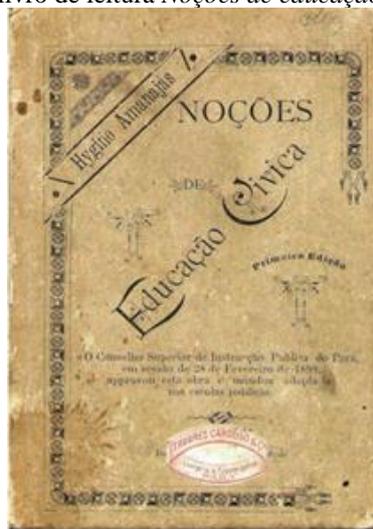
⁷ 2ª edição, 1905. Typographia. da Imprensa Official.

no prefácio. Contudo, conforme reconheceu o Conselho Superior de Instrução Pública, a produção traz originalidade na escolha dos assuntos e no modo de expô-los. A obra envolve lições de educação moral e cívica, história, geografia, ciências, entre outras.

O autor trata ahi de despertar no espirito das creanças, por meio de agradáveis prelecções, a crença na existência de Deus e na immortalidade da alma, o amor filial, o amor fraterno, a perseverança no trabalho, a humildade, o amor para com Deus e para com a pátria, os sentimentos de caridade etc (Parecer de 2 de julho de 1900. In. Amanajás, 1905).

Antes da publicação do livro de leitura *Alma e coração*, no calor da República, Hygino Amanajás publicou, em 1896, pela tipografia da Imprensa Oficial, a obra *Noções de educação cívica: para uso das escolas primarias do Estado do Pará*. A obra foi reeditada em 1898 e aprovada no mesmo ano, por unanimidade, pelo Conselho Superior de Instrução Pública para ser adotado nas escolas paraenses.

Imagem 13: Capa do livro de leitura *Noções de educação cívica*, edição de 1898.



Fonte: Seção de obras raras da biblioteca pública Arthur Vianna, 2021

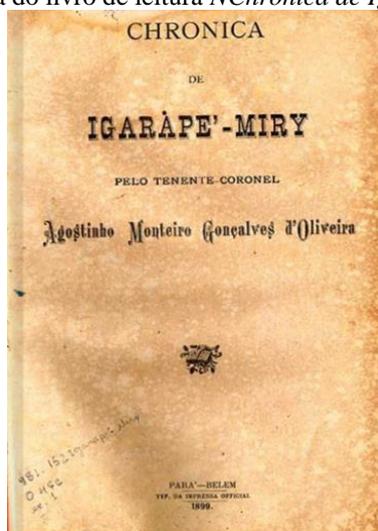
Os membros do Conselho de Instrução Pública entendiam que havia a necessidade de se colocar no espírito dos alunos os “conhecimentos necessários para preparar esses futuros cidadãos, de maneira a torná-los respeitadores e amantes da pátria” (Parecer de 2 de março de 1898. In Amanajás, 1898), mostrando a necessidade da educação cívica na escola. O livro de leitura versa sobre assuntos pátrios que envolvem os direitos e deveres do cidadão, emblemas da pátria, ideologicamente apontando para a melhor forma de governo: o republicano, entre outros.

Agostinho Monteiro Gonçalves d'Oliveira

O tenente-coronel Agostinho Monteiro era descendente de portugueses, grandes comerciantes e fortes agricultores em Igarapé-Miri (Oliveira, 1899, p. 10). O autor enviou sua obra *Chronica de Igarapé-Miry* à redação do Jornal *O Pará* como um “despretensioso trabalho, fructo de algumas horas de ociosidade roubadas ao meu moirejar diário” (Oliveira, 1899, apresentação). Oliveira (1899) revela que se propõe a uma cruzada patriótica ao escrever as páginas. Em 1899, a obra foi publicada pela typografia da Imprensa oficial de Belém do Pará.

Chronica de Igarapé-Miry faz uma descrição histórico-social, política, religiosa, econômica, educacional e geográfica do município de Igarapé-Miri e também narra lendas relacionadas ao município.

Imagem 14: capa do livro de leitura *NChronica de Igarapé-Miry*, 1899



Fonte: CENTUR/PA, 2021

Do ponto de vista econômico, o autor apresenta como principal produção do município no início do século XIX: borracha, cana de açúcar, cachaça, mel do açúcar, cacau, milho, arroz, farinha de mandioca, sabão de cacau, azeite de andiroba e de patauá, folha de urucu, couros de veado, urucu, pouco café. Além disso: extração e exportação de madeira, 79 estabelecimentos comerciais, 27 engenhos movidos a vapor, 7 movidos à água e 5 por animais para fabricação de açúcar, mel e cachaça (Oliveira, 1899). O autor enaltece o progresso do município, no início do século XIX, que se deu por meio da escravidão e defende que uma das causas do declínio econômico do município no final do século XIX se deu à abolição da escravidão, visto que eram os escravos que trabalhavam nos engenhos e em todas as formas de economia do município (Oliveira, 1899, p. 27).

Como fazia parte da elite miriense, Oliveira critica a abolição da escravidão. A “cruzada patriótica” do autor envolve o progresso do município em detrimento da liberdade dos escravos.

A PRODUÇÃO DE GRAMÁTICAS NO PARÁ

A produção de gramáticas no Pará está intimamente relacionada ao processo de gramatização brasileiro do português. Nossa primeira gramática data do ano de 1872 e já traz indícios da gramatização do português no Brasil, conforme veremos a seguir.

A gramatização é definida por Auroux (2014.65) “como o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares do nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. Auroux (2014, p. 126), em posfácio à reedição de 2009, complementa que “uma língua gramatizada é uma língua instrumentada que dispõe de referências e normas”

As gramáticas que iniciaram o processo de gramatização da Língua Portuguesa (séc. XVI e XVII) e das demais línguas vernáculas de outros países foram concebidas baseadas na tradição greco-latina, chamada também de Gramática geral e filosófica, entre elas a Gramática de Port-Royal, que influenciou as gramáticas portuguesas do século XVIII.

As Gramáticas filosóficas tratavam a estrutura da língua como produto da razão, característica oriunda do conceito greco-latino: a essência herdada de Platão, que faz oposição entre nome e verbo; as considerações fonéticas da poética de Aristóteles; os estóicos que estabelecem as partes do discurso. Da contribuição latina vem a prosódia, a análise etimológica e a classificação das classes de palavras em oito categorias por Varrão (Marçalo, 2009).

O modelo da divisão das gramáticas filosóficas classificadas por Varrão foi adotado pelas primeiras gramáticas e herdadas pelas gramáticas tradicionais, de acordo com Fávero:

A gramática tradicional tem seu arcabouço fornecido pela gramática grega através da latina: **a apresentação das partes de que se compõe as gramáticas e a divisão em classes gramaticais é herança clássica**: Dionísio na Grécia, Prisciano, Donato e Varrão em Roma (Fávero, 1996, p. 87) (**Grifo nosso**).

A divisão das gramáticas que seguem o modelo greco-latino constitui quatro partes: ortografia, prosódia, etimologia e sintaxe (Marçalo, 2009). No período relacionado às gramáticas filosóficas, a gramática é conceituada como uma arte, que dá continuidade ao conceito da gramática greco-latina remetida a Aristóteles que, na metafísica atribui ao termo grego “ars” sentido de ofício “habilidade para se fazer algo” (Fávero, 2001, p. 61).

Outro modelo de gramática surge a partir das ideias do alemão Franz Bopp, que deu início à chamada “gramática comparada” em uma abordagem descritivo-comparativa. A Linguística comparada, fundada por Bopp, caracteriza-se pelo método comparativo, que consiste em comparar formas semelhantes de línguas consideradas da mesma família de línguas, tendo como objetivo estabelecer correspondências entre línguas para poder estabelecer, com isso, relações de familiaridade (Siqueira e Aguiar, s/a). Trata-se de uma abordagem não mais filosófica, mas científica.

Gramáticas produzidas no Brasil na primeira metade do século XIX tinham como base a tradição filosófica. Gramáticas produzidas no final do século XIX se baseavam na abordagem descritivo-comparativa. Contudo, na década de 70 do século XIX, temos uma gramática paraense que já traz marcas da gramática científica (Duarte, 2021)

As gramáticas de abordagem descritivo-comparativa já não são mais conceituadas como arte _ como as gramáticas de abordagem filosófica _ mas são reconhecidas como ciência. Embora alguns autores ignorem o termo ciência, este vai aparecer na conceituação de Alfredo Gomes: “Gramática é a ciência dos fatos da linguagem, verificados em qualquer língua”⁸ (Fávero; Molina, 2006)

As primeiras gramáticas que circularam no Brasil, até a primeira metade do século XIX, eram de autores portugueses usadas no ensino da língua materna. Esses compêndios eram de concepção filosófica (de tradição greco-latina). As gramáticas de língua portuguesa escritas por autores brasileiros, que depois foram surgindo, seguiam o mesmo modelo das gramáticas de Portugal, embasadas na Gramática Geral e Filosófica que, até a primeira metade do século XIX, não tratavam de nenhum conteúdo relativo ao Brasil.

Orlandi (2001) defende que o processo de gramatização brasileira do português inicia no final do século XIX. Esse processo envolve a constituição da língua nacional em um momento de construção conjunta entre língua, gramáticas e dicionários. A autora defende que, nesse contexto, surgem as primeiras gramáticas brasileiras, consideradas gramáticas científicas, baseadas nas ideias filosóficas e científicas de outros países diferentes de Portugal e nos parâmetros do Programa de Fausto Barreto organizado em 1887. A partir da abordagem descritivo-comparativa, as gramáticas no Brasil se distanciam do modelo da gramática filosófica de Portugal.

O processo de gramatização do português no Brasil se constrói tendo em vista a questão da variedade linguística do Brasil que envolve a construção da língua nacional. Nesse contexto, o Brasil busca sua identidade como país: a identidade nacional. Percebe-se que a língua portuguesa falada no

⁸ Alfredo Gomes, 6ª ed. 1895.

Brasil tem suas características próprias, diferentes de Portugal. O Brasil tem seus próprios instrumentos linguísticos (Orlandi, 2008). Questões relacionadas à língua nacional começam a tomar força e se intensificam até o final do século. Nesse momento, algumas polêmicas surgem em torno dessa busca pela nacionalidade da língua brasileira. José de Alencar foi um dos defensores da língua brasileira.

Embora esteja havendo um movimento intenso para a constituição da língua nacional e para a consolidação da gramática científica só no final do século XIX, em 1872, já encontramos na *Grammatica portugueza* de Julio Cezar Ribeiro de Souza, autor paraense, marcas da gramática científica quando o intelectual da província do Pará usa o método comparativo envolvendo outro país diferente de Portugal, quando argumenta sobre fatos da língua, comparando o português com o francês. Também, encontramos marcas da gramatização brasileira do português quando o autor analisa fenômenos envolvendo o português brasileiro (Duarte, 2021).

À semelhança dos livros de leitura, a produção de gramáticas primárias também foi muito significativa no Pará. Duarte (2021) documenta 20 gramáticas primárias produzidas no estado no período de 1850 a 1920. A seguir, trataremos de 3 gramáticos que tiveram grande relevância para a história da educação no Pará e no Brasil

Vilhena Alves

Francisco Ferreira de Vilhena Alves nasceu na cidade de Vigia, província do Pará, em 1847. Foi um grande educador e poeta paraense, inicialmente da corrente indianista e depois da corrente sertanista. De acordo com Moreira (1979), dos autores paraenses, este foi o que mais produziu obras no período. Possui uma vasta produção de livros escolares, os quais foram muito importantes para a educação no Pará.

O educador paraense produziu: *Compendio de analyse moderna: lexicologia e syntactica* (1895), *Grammatica portugueza: curso superior* (1895), *Primeira grammatica da infancia* (1896?) e *Segunda Grammatica da Infancia: curso médio* (1896?). Compôs também 2 livros de exercícios: *Exercicios de analyse moderna* (1895) e *Exercícios de Português* (1900) e vários livros de leitura, incluindo suas produções como poeta. Entre essas obras, cita-se *Selecta Litteraria* (1900) (Duarte, 2018, p. 132).

O educador paraense foi membro da Associação de Letras Mina Literária, fundada em 1895. Foi também um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, em 1900, e membro da Academia Paraense de Letras. Contribuiu com diversos artigos no jornal *A Província do Pará* e em

outros jornais existentes em Belém, assim como na revista *Ciências e Letras*. O intelectual faleceu no dia 09 de julho de 1912, em Belém do Pará.

Paulino de Brito

Paulino de Almeida Brito foi outro grande autor do final do século XIX e início do século XX. Moreira (1979) o considera o mais eminente sucessor de Vilhena Alves. “Brito produziu menos porém se projetou mais no que respeita ao cultivo da língua e das letras” (Moreira 1979, p. 34). Nasceu na cidade de Manaus, em 9 de abril de 1858, e faleceu em Belém, em 1919. Toda a sua produção intelectual foi no Pará. Filho de Paulino de Brito e de D. Ricarda de Almeida Brito. Formou-se em Direito pela Faculdade de Recife, sendo por muitos anos professor da Escola Normal do Pará.

Paulino de Brito defendeu, em duas obras importantes, *Colocação de pronomes e Brasileirismos de colocação de pronomes*⁹, as variedades linguísticas brasileiras, que se distanciavam das variedades do português europeu. As duas obras foram o resultado de diversas polêmicas travadas com Candido de Figueiredo, gramático português. Contudo, Moreira (1979) diz que o maior legado deixado por Paulino de Brito está em suas atividades como professor que impulsionaram a produção de gramáticas como *Grammatica Primaria da Língua Portuguesa* (1899); *Grammatica complementar da língua portuguesa* (1908) e a *Grammatica do professor* (1908) (Moreira, 1979, p. 34-35). A primeira gramática elementar escrita pelo autor contribuiu não só para a educação paraense, mas também para a nacional. O educador falava de forma clara e se destacava entre os gramáticos de sua época que, em sua maioria, tratavam as questões da língua nacional de maneira complicada e distante do contexto sócio-histórico e cultural dos brasileiros. Essas particularidades davam a Paulino de Brito notoriedade e o colocavam como um intelectual de destaque na educação nacional.

Julio Cezar Ribeiro de Souza

Nasceu no município Acará em 13 de junho de 1843, e morreu na cidade de Belém em 14 de outubro de 1887. Filho de José Ribeiro de Souza e dona Anna da Silva Ribeiro de Souza. Estudou no seminário do Carmo na capital (Belém), onde destacou-se por sua notável inteligência. Em 1862, se matriculou na Escola Militar do Rio de Janeiro, deixando-a três anos depois, em 1865, para servir na campanha contra o Paraguai. Retornou para sua província em 1869 e, no ano seguinte, casou-se com

⁹ Colocação dos pronomes: artigos publicados na Província do Pará (1906 - 1907) e Brasileirismos de colocação de pronomes: resposta ao Snr. Candido de Figueiredo (artigos publicados no Jornal do Commercio - 1908).

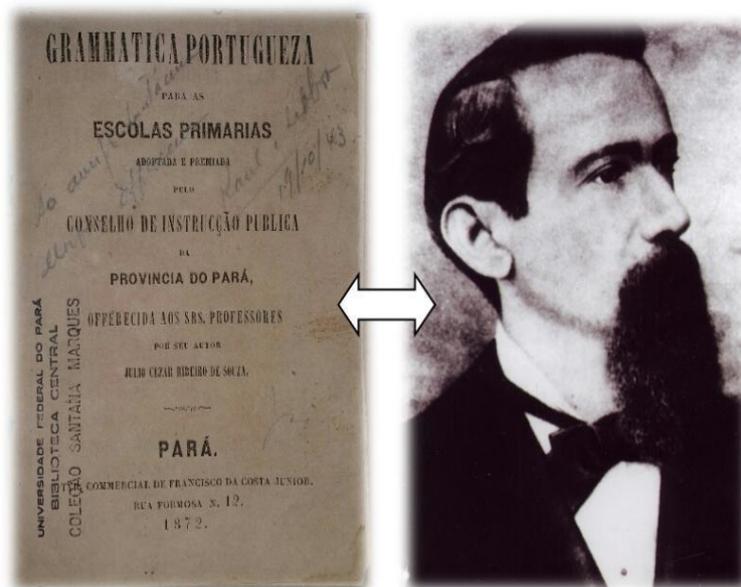
Dona Victória Philomena do Vale (Cunha, 1970). Na província do Pará, foi professor primário, bibliotecário público e oficial da secretaria do governo. Foi também um inventor brasileiro reconhecido como pioneiro no desenvolvimento da dirigibilidade aérea (Blake, 1899). A seguir, trataremos melhor desse importante gramático paraense.

A GRAMMATICA PORTUGUEZA (1872) DE JULIO CEZAR RIBEIRO DE SOUZA

As primeiras pesquisas realizadas pelo Grupo de estudo em história do livro didático da Amazônia (GEHLDA) sobre o gramático paraense Julio Ribeiro nos levou, equivocadamente, a uma *Grammatica portuguesa* publicada em 1881. Entretanto, no decorrer das pesquisas, constatamos que essa gramática é de autoria de Julio Cezar Ribeiro Vaughan, natural de Sabará-Minas Gerais. A gramática do Julio Cezar Ribeiro de Souza, autor paraense natural do município do Acará, recebe o nome de *Grammatica Portugueza para as escolas primarias*, editada em 1872, no Pará, pela Typographia Commercial de Francisco da Costa Junior.

Neste estudo, não buscamos fazer comparações entre as gramáticas dos dois autores, mas sim analisar a *Grammatica Portugueza* do autor paraense Julio Cezar Ribeiro de Souza (doravante chamado de Julio Cezar). A gramática do educador da província do Pará, que parece ter sido estudada até o momento apenas por Moreira (1979) e Duarte (2018; 2021), tem um importante papel no cenário que envolve o processo de gramatização no Brasil.

Imagem 15: Grammatica Portugueza (1872), de Julio Cezar Ribeiro de Souza



Fonte: Seção de Obras Raras da Biblioteca Central da UFPA

Julio Cezar se destacou não tanto como gramático, mas com seus experimentos em aerostação, por ser um dos precursores da navegação aérea, a qual o fez ser conhecido no Brasil e no exterior. A maioria dos paraenses já ouviu falar na avenida Julio Cezar, principal acesso ao Aeroporto Internacional de Belém em homenagem ao autor paraense.

De acordo com Visoni e Canalle (2010), Julio Cezar foi, na década de 1880, “o maior entusiasta brasileiro da aeronáutica”. Nessa época, os voos, sem quase nenhum controle, eram praticados em balões. Julio Cezar se empenhou tenazmente em dotar os aeróstatos de dirigibilidade e acabou criando no Brasil um verdadeiro movimento em favor da aeronáutica. Também escreveu artigos defendendo a possibilidade de direção dos balões, proferiu conferências, fez experiências públicas com aeromodelos e pediu patentes em diversos países para um sistema de “navegação aérea por meio de balões pairadores” (Visoni; Canalle, 2010). Os autores acrescentam: “Esses feitos são ainda mais impressionantes ao se constatar que ele não teve uma formação científica sólida, tendo sido um autodidata no sentido mais puro do termo. Em 1882, suas ideias foram largamente discutidas no Instituto Politécnico Brasileiro.”

Julio Cezar começou seus estudos aeronáuticos em 1874, mas antes disso, ele já era um conhecido homem de letras em Belém. Já havia publicado várias obras: o livro de poesias *Pyraustas* (1870); *A educação e a Alma* (1869) e a *Grammatica Portuguesa* (1872), a qual foi aprovada pelo Conselho diretor de instrução pública da província do Pará para ser adotada nas escolas paraenses. Ele também foi professor de escola primária e diretor da Biblioteca Pública do Estado do Pará em 1872 _ no mesmo ano em que publicou sua gramática _ tendo pedido exoneração em 13 de abril de 1874 (Visoni; Canalle, 2010). Segundo Moreira (1979), o compêndio de Julio Cezar foi a primeira gramática paraense destinada ao ensino do vernáculo.

Em 14 de outubro de 1887, em Belém, o ilustre paraense faleceu vítima de beribéri¹⁰, aos 44 anos de idade. Deixou viúva Dona Victória Philomena do Valle Ribeiro de Souza e cinco filhos menores, Julieta, Maria, Raymundo, José e Julio (Cunha, 1970).

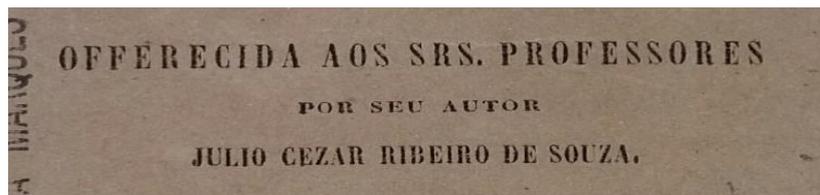
A *Grammatica Portuguesa* de Julio Cezar foi publicada no ano de 1872, pela “Typografia Commercial de Francisco da Costa Júnior”, situada na rua Formosa, n.12, Belém-Pará. A obra, ao que consta, foi o único volume, pois não conseguimos registros de outras edições. A *Grammatica*

¹⁰ Beribéri é uma doença nutricional causada pela falta de vitamina B1 (tiamina) no organismo, resultando em fraqueza muscular, problemas gastrointestinais e dificuldades respiratórias e problemas cardiovasculares (Barreto, T.M.A.C. Barreto, Fabricio. Caracterização dos casos de Beribéri entre indígenas no norte do Brasil. SANARE, Sobral – v. 15, n. 2, p. 104- 111, Jun./Dez., 2016. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/article>. Acessado em: 04 janeiro de 2019 às 17h20.

Portuguesa é um livro de pequeno formato (14cm x 8cm) com 107 páginas. Nas palavras de Moreira (1979 p. 30), “trata-se de obra de pequeno formato e singela apresentação gráfica”. Foi premiada pelo Conselho de Instrução Pública da Província do Pará, por ser considerada a melhor das que existiam em relação a outros compêndios que circularam no Pará.

Estampado na própria folha de rosto, seu público alvo: “Para as escolas primárias”, foi oferecida “Aos Srs. Professores”:

Imagem 16: Recorte da imagem de capa



Fonte: Seção de obras raras da Universidade Federal do Pará, 2017

Conforme vimos, a gramática em estudo tinha como público os alunos das escolas primárias. No ano de publicação da *Grammatica Portuguesa*, 1872, na província paraense estava em vigor a Lei n. 664, de 31 de outubro de 1870, na qual o ensino primário estava dividido em primário inferior e primário superior (a referida Lei não cita a idade, estima-se que seja alunos entre 7 a 14 anos). A Lei designava também as disciplinas a serem ensinadas e considerava o ensino primário obrigatório. Entende-se que a gramática de Julio Cezar foi utilizada na província do Pará no ensino primário inferior e no ensino primário superior.

De acordo com Visoni e Canalle (2010), a *Grammatica Portuguesa* (1872) foi adotada por muitas escolas da província. O artigo 8º da Lei n. 664 preconiza: “Art. 8º. O presidente da província designará os compêndios para a instrução primária, não podendo essa designação ser alterada depois, senão por deliberação da assembleia provincial (Pará, 1870).”

Tendo sido escolhida uma obra pelo Conselho de Instrução Pública, o presidente da província a designava para ser usada nas escolas primárias.

O capítulo introdutório da gramática de Julio Cezar, intitulado “Da *Grammatica Portuguesa*”, inicia conceituando gramática como a “*Arte de fallar, ler e escrever correctamente a lingua portuguesa*”. Essa é uma característica marcante das gramáticas filosóficas. Muitas gramáticas publicadas nos séculos XVII, XVIII e XIX definem gramática como “a arte de escrever e falar corretamente” (Fávero, 2000). As gramáticas definidas como uma arte dão continuidade ao modelo greco-latino. Vejamos alguns exemplos desse conceito de gramática em duas gramáticas brasileiras:

A grammatica é uma arte que ensina a declarar bem os nossos pensamentos por meio das palavras (Antônio Pereira Coruja, 1835);

Grammatica Portugueza é a arte que ensina a falar, ler e escrever a língua portuguesa (Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, 1817-1819) (Fávero, 2000).

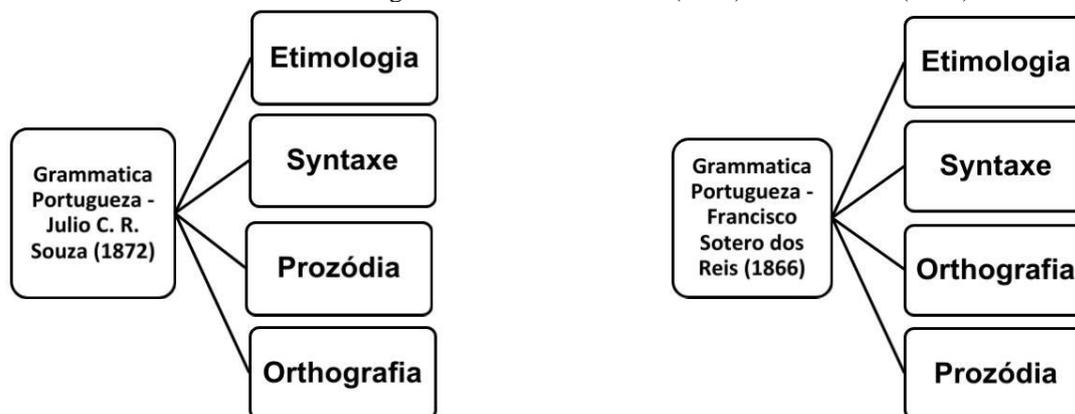
Gramática como arte, segundo Fávero (2001), atravessou séculos, caindo em desuso somente no final do século XIX, com o desenvolvimento das ciências da linguagem.

Ainda a primeira parte da obra de Julio Cezar segue falando sobre as orações, mencionando as espécies de palavras que as formam. O autor classifica nove espécies de palavras para a formação das orações, entre elas oito são consideradas partes elementares, ou seja, as partes que constituem as orações. A nona parte é a interjeição, a qual não é considerada parte elementar:

No caso da gramática em estudo, Julio Cezar desconsidera o artigo como classe de palavras, apontando para uma característica sugerida por Aristóteles, deixando na obra investigada indício da gramática Geral e Filosófica. Para Fávero (1996), o gramático português João de Barros (1540) também propôs nove espécies de palavras em sua gramática, ou seja, em relação à divisão em classes de palavras, a gramática em estudo se assemelha a uma das primeiras gramáticas portuguesas, ainda calcadas ao modelo greco-latino, conforme a citação acima.

A *Grammatica Portugueza* (1872) traz a tradicional estrutura das gramáticas filosóficas, dividida em quatro partes: etimologia, sintaxe, prosódia e ortografia. Buscamos compará-la com a gramática de Sotero Reis (1866), a qual seguia a mesma orientação filosófica:

Gráfico 1: Estrutura das gramáticas de Julio Cezar (1872) e Sotero Reis (1866)



Fonte: As autoras, 2019

Na comparação com a gramática de Sotero dos Reis (1866), publicada antes da gramática de Julio Cezar, notamos que a divisão das duas gramáticas corresponde ao mesmo modelo didático e à organização geral do modelo da Gramática geral e filosófica. Fávero (1996), a respeito das partes da gramática, discorre:

A divisão da gramática em quatro partes vem desde o período medieval (talvez desde Prisciano que foi o primeiro a reconhecer a existência de uma sintaxe que é o estudo

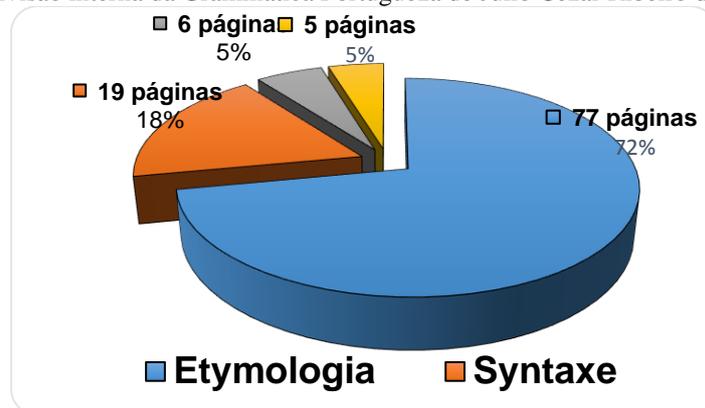
“da disposição que visa a obtenção oração perfeita”), com Alexandre Villedieu (Doctrinale Puerorum, 1200): ortografia, etymologia, dyasintástica (=sintaxe) e prosódia, divisão esta que permanece até o século XVI ou até mais porque ainda se encontra, em fins do século XVIII, por exemplo em Soares Barbosa.

(...)

Essa divisão que Sánchez não aceita, é a adotada por Nebrija (1492) na Espanha e João de Barros (1540) em Portugal (FÁVERO, 1996, p. 94).

O conteúdo da Grammatica Portugueza de Julio Cezar está disponibilizado da forma apresentada no gráfico abaixo:

Gráfico 2: Divisão interna da Grammatica Portugueza de Julio Cezar Ribeiro de Souza (1872)



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2019

A parte em que é trabalhada a Etimologia é a parte mais desenvolvida. São dedicadas a ela 77 páginas, de acordo com o gráfico, e equivale a 72% do conteúdo da gramática. A sintaxe corresponde a 18%; a prosódia 5% e a ortografia 5%. O autor aborda cada termo, conceitua cada um deles, dá exemplos e propõe atividades.

Julio Cezar diz que “a etymologia ensina a conhecer a origem e as propriedades das palavras” (Souza, 1872, p. 103). O pronome é “a palavra que na oração se põe em lugar do nome, para dar um caracter de personalidade ao individuo que elle representa”. Sintaxe é “a parte da grammatica que ensina a combinar logica e gramaticalmente as diversas espécies de palavras, para formarem as orações e as diversas espécies de orações para formarem os períodos”. “A prosódia é a parte da grammatica que ensina a pronunciar as palavras indicando a quantidade das syllabas e o seu devido som” e a ortografia “é a parte da grammatica que ensina a escrever correctamente, dando ás palavras as suas devidas letras e acentos e ás orações a pontuação que seu sentido exigir” (Souza, 1872 p. 103).

Publicada em um período norteado pelos padrões das gramáticas greco-latinas, representado pela gramática filosófica, a *Grammatica Portugueza* (1872) ainda segue princípios das primeiras gramáticas portuguesas de Portugal, por determinação da Diretoria Geral de Instrução Pública da província do Pará, “sujeitando-se seu auctor a fazer-lhe as alterações indicadas pelo diretor geral

interino” (Souza, 1972, I), tendo sido “obrigado a adaptar a sua gramática à orientação dominante na época” (Moreira, 1979, p. 30). Contudo, Duarte (2021) mostra que o educador provinciano não se rendeu completamente às determinações oficiais e fez várias críticas a fatos da linguagem e a gramáticos de concepção filosófica. A obra do intelectual da província do Pará foi publicada em data anterior ao modelo descritivo-comparativo e ao Programa de Fausto Barreto (1887), mas já apresenta características da gramática científica, conforme argumenta Duarte (2021).

CONCLUSÃO

As pesquisas em história do livro na Amazônia têm tido uma grande relevância para a compreensão de aspectos culturais, sociais, econômicos, religiosos e educacionais dos sujeitos. Mas, também, tem ajudado a constituir a história da educação e do livro no contexto da região.

Na primeira metade do século XIX, as gráficas paraenses eram rudimentares. Houve uma produção muito pequena de livros nesse período. Contudo, na segunda metade do século XIX, o Pará se colocou numa posição honrosa em relação à produção de livros escolares pois não dependia de obras vindas de outros Estados da Federação, porque tinha suprimento próprio. Muitos dos intelectuais que produziram livros escolares no Pará ganharam visibilidade em outros Estados e até fora do país, não apenas pela circulação de suas obras, mas também, pela impressão de obras em outros países, como a França, e pelas temáticas levantadas sobre a educação nacional e a legitimidade do modo de falar brasileiro.

A *Grammatica portuguesa*, produzida em 1872 por Julio Cezar Ribeiro de Souza, foi a primeira gramática produzida no Pará para o ensino do vernáculo. Ela possui características da gramática filosófica, modelo exigido pela diretoria de instrução pública da província do Pará. Contudo, o intelectual paraense, de forma subversiva, levanta em seu compêndio temáticas sobre fenômenos da linguagem que apresentam características da gramática científica ao abordar temas polêmicos sobre fenômenos da linguagem, o modo de falar brasileiro e ao comparar a gramática portuguesa com a gramática francesa, como metodologia da gramática comparada, uma das características da gramática científica.

O estudo coloca o Pará, os intelectuais e os livros de leitura e gramáticas paraenses num lugar importante no cenário da história da educação brasileira e nas discussões sobre a forma legítima do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

AMANAJÁS, Hygino. **Alma e coração**. 2. ed. Typographia da Imprensa Official, 1905

AUROUX, Sylvain. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Tradução Enny Puccinelli Orlandi. 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899

BRAGA, Theodoro. **História do Pará**. Pará-Belém: Imprensa Oficial, 1913.

CUNHA, Raymundo Cyriaco Alves da. **Paraenses Ilustres**. Conselho Estadual de Cultura. Belém, Pará, 1970.

DUARTE, Raimunda Dias. **Livros escolares de leitura da Amazônia: produção, edição, autoria e discursos sobre educação de meninos, civilidade e moral cristã**. Campinas-SP: Pontes, 2018

DUARTE, Raimunda Dias. As pesquisas em história do livro na Amazônia: a gramática de Julio Cezar Ribeiro de Souza. In: DUARTE, Raimunda Dias; BARZOTTO, Valdir H.; SOUZA, Deusa M. de; RIBEIRO, Joyce, O. S. (Orgs.). **A história do livro na Amazônia: da escrita em pedra à tela do computador**. Porto Alegre, RS: Fi, 2021

FÁVERO, Leonor Lopes. **As Concepções Linguísticas no século XVIII: a gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1996.

FÁVERO, Leonor Lopes. **A produção gramatical brasileira no século XIX: da Gramática filosófica à Gramática científica**. In: Os Discursos do descobrimento: 500 e mais anos de discursos /Diana Luz Pessoa de Barros (org.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 2000.

FÁVERO, Leonor Lopes. **A Gramática é a Arte...** in: ORLANDI, Enny Puccinelli (org.). História das Ideias Linguísticas: construção do Saber metalinguístico e constituição da Língua Nacional. p. 59-70. Campinas, SP: Pontes; Cárceres, MT: Unemat Editora, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes. MOLINA, Márcia A. G. **As Concepções Linguísticas no século XIX: a gramática no Brasil**. Campinas- SP: Editora da UNICAMP, 2006.

GALLY, Christianne de Menezes. 2013. **Construção e circulação das gramáticas de Língua Portuguesa no Brasil no século XIX: o Tratado de Língua Vernácula de Brício Cardoso**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa. 246 p.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T. A. Queiroz; EdUSP, 1985.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; ROCHA, Kátia Gardênia Henrique da. **Hygino Amanajás e sua produção de livros de leituras escolares para o ensino primário: fragmentos da história da leitura no Pará.** Rev. Iberoam. Patrim. Histórico-Educativo, Campinas (SP), v. 1, n. 1, p. 48-67, jul./dez. 2015. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/326649953_Hygino_Amanajas_e_sua_producao_de_livros_de_leituras_escolares_para_o_ensino_primario_fragmentos_da_historia_da_leitura_no_Para. Acesso em 14/09/2018

MARÇALO, Maria João. **O que é a palavra? Reflexões sobre a herança gramatical greco-latina.** Filologia e linguística portuguesa, n. 10-11, p. 53-68, 2 jun. 2009.

MOREIRA, Eidorfe. **O livro didático paraense: breve notícia histórica.** Belem: Imprensa Oficial, 1979.

NEVES, Fernando Arthur de Freitas. **Solidariedade e conflito: estado liberal e nação católica no Pará sob o pastorado de Dom Macedo Costa (1862-1889).** Tese de Doutorado. 364 p. Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=170263>. Acesso em: 12 maio 2014.

OLIVEIRA, Agostinho Monteiro Gonçalves de. **Chronica de igarapé-Miry.** Belém-Pará: Typographia da Imprensa Oficial, 1899

ORLANDI, Enny Puccinelli (org.). **História das Ideias Linguísticas: construção do Saber metalinguístico e constituição da Língua Nacional.** Campinas, SP: Pontes; 2001.

PARÁ. Lei 664, de 31 de outubro de 1870. Divisão de ensino primário. Disponível em: <http://histedbr,FAE,Unicam.p.br/revista/edições/43e/doc01_43e.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019

SIQUEIRA, Gisele Martins. AGUIAR, Maria Suelí de. **Linguística histórica comparativa e formação do léxico da língua portuguesa** - Letras-II SINALEL PDF, s/ano. Disponível em: https://sinalel_letras.catalao.ufg.br > Acesso em: 30 nov. 2018 as 13h25.

SOUZA, Julio Cezar Ribeiro de. **GrammaticaPortugueza.** 1. ed. Pará: Ty p. Commercial de Francisco da Costa Junior, 1872.

VISONI, Rodrigo Moura. CANALLE, João Batista Garcia. **O Sistema de Navegação Aérea de Julio César Ribeiro de Souza.** Revista Brasileira de Ensino de Física, v.32, n.2, 2601 (2010). www.sbfisica.org.br